

**Deponente:** Joaquim Lélio Mourão

**Entrevistador:** Juliana Ventura, Marco Túlio Antunes Gomes e Paulo Repolês.

**Data:** 09 de março de 2017.

**INTERLOCUTOR:** O nome do senhor completo é?

**JOAQUIM:** Joaquim Lélio Mourão.

**INTERLOCUTOR:** Ah sim.

**INTERLOCUTOR:** E o senhor mudou para cá em 72, por quê? Assim, o que estava acontecendo?

**JOAQUIM:** Porque na época eu não estava aqui, estava em Manaus. Eu estava para lá, eu morava em Guanhães, na verdade eu morava em Guanhães... Nos dias eu estava morando lá, sabe? E a minha mãe comprou um terreno aqui no município e ela faleceu, um acidente lá dentro, do terreno né. E toda vida quem olhou os negócios deles foi eu, porque meus irmãos... Eu parei, inclusive, de estudar para ajudá-los, para que eles pudessem manter os filhos na escola, sabe? Na faculdade, que já faziam faculdade. Então foi o objetivo que aconteceu para eu ter mudado para cá na época.

**INTERLOCUTOR:** Ah sim.

**JOAQUIM:** Entendeu? E eu sei que eu mudei dia 28 de Dezembro de 1972, está gravando já?

**INTERLOCUTOR:** Está.

**JOAQUIM:** Então dia 28 de Dezembro, e eles já estavam parte deles aí né. Nisso chegou o Senhor Vavá, que eu lembro, já foi depois que eu cheguei... Osvaldo parece que chama, irmão do Senhor Manoel, Senhor Manoel já estava já. Senhor Manoel, parece que Bibiano... Bibiano, inclusive, lá do Tocantins. É, Tocantins hoje, perto do Rio dos bois lá.

**INTERLOCUTOR:** Sim, sim, sim.

**JOAQUIM:** É, então, é... A data é essa que eu mudei né. E aí foram chegando os outros, já tinha desativado a fazenda no presídio lá.

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** Eu lembro que, inclusive, eu mesmo fiz, porque não existia táxi, não existia nada... Eu levei parte... Não lembro bem, não sei se é Senhor Idalício, rapaz... Que hoje mora lá na Barra Velha, para fazer um tratamento em Belo Horizonte. E naquela época era Jipe, o carro, sabe? Eu sei que eu saí daqui e fui até com um Ex-Prefeito... Depois

que ele foi eleito Prefeito, no carro dele, lá em Valadares, porque ele não tinha carteira, não era habilitado. Então fui, pernoitei ali na fazenda do Ministério com eles né, mais ou menos, quem que era? O nome da pessoa que era o responsável pela parte, pelo posto lá, porque já tinha montado uma... Ajudância me parece né?

**INTERLOCUTOR:** Isso.

**JOAQUIM:** Ajudância

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** E ela estava instalada lá naquela fazenda do ministério, no KM 06 ali de Valadares, da 116. Então foram chegando os outros depois disso. E, quanto ao presídio, já estava desativado sabe? Ele, acho que nem chegou em atividade pelo que eu tenho, mais ou menos, informação. A intenção era montar uma penitenciária agrícola indígena, parece que aí no Guarani sabe? E eu achei, até na época assim, muito estranho porque tinha um índio com... Nada... Meio deficiente mental sabe? Siapi, se eu não me engano, o nome dele. E eles queriam, queria que ele, pelo que eu vi lá em Valadares, os deficientes que tomavam conta dos presidiários né, porque era mais fiel. Então, o que acontece? Lá de Valadares, Yanã, acho que é Yanã né, eu vi... Isso eu vi com meus olhos, tá? E, no mais, depois disso foram chegando, aí já não funcionou mais. Teve uma época que veio mais família, família que veio primeiro foi a do Senhor Manoel, o Manoel Pataxó né?

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** Manoel, Vavá, Valdinho...Valdinho já veio depois, teve os dois irmãos dele que veio depois. Depois veio Sebastião com a família, mas logo em seguida. E para te ser honesto, se você quiser ouvir, doe em quem doer, entendeu? Você sabe o que aconteceu? Eles apropriaram as fazendas deles na Bahia, o Capitão Pinheiro, se eu não me engano. Então o quê? Para poder negociar ou usar as fazendas é que trouxeram para ele, que a fazenda é Guarani e nada sobre (trecho incompreensível), que ela foi de um Português. O Português chamava, o nome completo dele é José Pereira Ribeiro de Magalhães, viu?

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** José Pereira Ribeiro de Magalhães, não tinha nada (trecho incompreensível), era uma subsistência da Polícia Militar e foi escola também, antiguerilha, sabe? Nessa fazenda, antes, eu já não estava morando aqui ainda né, mas eu lembro que passava aqui de ônibus e estava cheio de soldado fazendo curso aí e tem muito policial que depois eu fiquei conhecendo, que fizeram os cursos antiguerilha aí, sabe? Depois

conheci um que chegou até chefe do Estado maior da Polícia Militar, que é o Coronel Walter Rachid Bittar ou Bittar Rachid. Até Nicolau, Coronel Nicolau, quem mais? Nessa época, eram esses sabe. Aí desativaram, tiraram todo o civil lá de dentro, que tinha uns prestadores de serviço, hoje parece me chama artífice, o branco que trabalha dentro da aldeia, é um troço assim mais ou menos, que ainda reside aqui em Carmésia, mas só que (trecho incompreensível) coisa com coisa não. E era uma fazenda de subsistência da Polícia Militar, tinha o armazém, tinha gado, tinha... O quê mais? Bastante atividade, sabe? Criação de cavalo para cavalgada, mas agora lavoura já não tinha tanto né. Então os índios vieram, vieram com um gado muito bom, que eu lembro que eles trouxeram umas 200 vacas. Na época era um volume muito alto sabe, eu sei que isso acabou né. Um dos primeiros que... Ah, foi militar, o Vicente, que foi o primeiro, um dos primeiros chefes de posto aí. Me parece que ele era Cabo da Polícia Militar, e era ligado ao Capitão Pinheiro, ele veio, veio com a família. Depois dele, se não me engano, foi o carioca, o Senhor Leão, Eustáquio. Depois do Eustáquio, esse era chefe de posto. E depois do Eustáquio fui mexer com caminhão, mas ele ficou muito tempo aí, inclusive, daqui eu acho que, se não me engano, ele mora no Rio ou São Paulo em uma aldeia lá que ele esteve aqui e até comentou comigo, sabe? Então estão aí até hoje né, deixando... Outra coisa, deixaram as fazendas tudo desorganizada, sabe? Tinha um chalé que era do Coronel desse, não é do coronel da polícia, é do Magalhães, era a coisa mais linda. Os vidros da casa eram todos importados, sabe? Da França. Eram Franceses, os vidros. Um chalezinho, a coisa mais bonita que tinha, a parte do assoalho era Jacarandá Caviúna preto, no centro era de marfim branco, sabe? As escadas tinham... eu não sei assim, agora não lembro o nome. Tinha para a luminária, porque tinha luz lá, mas foi antes de ter luz. Ele tinha uns bonequinhos assim, as estatuetas com guardas chuvinhas, tudo de ferro fundido né, e colocava vela para poder ficar acesa durante a noite, era um tipo de iluminação né.

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** E depois disso teve uma época que foram quase todos embora né, só ficou o Senhor Manoel, se não me engano. Aí o que acontece? O Estado, na época, deu oportunidade à prefeitura de requerer a fazenda para o município né, mas o Prefeito não teve interesse e aí foram retornando aos poucos e estão ai até hoje né. Tem mais família... Mas veio família assim, que os mesmos que estavam aí, que era o Divino, que era uma família só... Divino, o Sebastião, a Nete, que era a esposa do Divino, e Dona Rosa né, eram os casais. E o outro do... Porque eles são da mesma etnia, com

honestidade não sei explicar e não entendo bem, sabe? Não é a mesma família, são Pataxó, mas um... Como se diz? Pataxó (trecho incompreensível) e um outro tem, não é? Outro nome, que eu não me lembro agora. Um ali perto do Prado e os outros são lá da Barra Velha, o Coroa Vermelha, o Monte Pascoal. E na época, se eu não me engano, eu não tenho nada... Eles tinham acontecido alguma coisa com eles lá na Bahia e eles também tiraram para evitar... Até hoje tem um desacerto nisso, sabe? A família do Senhor Manoel Pataxó, já a do Divino já frequenta todas as aldeias lá. Já família do Senhor Manoel já não pode, só ali no Pradinho, Montinho.... Montinho, entrando para a Barra Velha, desce por ali e dali para trás, tá. Tem alguns deles que vão, vai lá para dentro, mas não sei se era um atrito com madeireiro, ou com o que foi... Esses, o seu Vavá, que é o Valdir, acho que é Valdir mesmo que ele chamava, ele na época ainda tomou muito tiro lá. Ele chegou todo judiado, sabe? De... E a pretensão do governo, do governo na [...]. Porque parece que não era ligado ao governo do Estado, porque toda vida era federal né. Aí resultado: não era de interesse de deixar um sempre aí, sabe? Agora depois, com o longo do... Com um longo período de tempo, dos amigos, dos funcionários, de técnico que morou aí que eu fiquei bem informado sobre essa situação do Capitão Pinheiro, tá? Porque ele pegou 3 fazendas dos índios, que vendeu essas fazendas na época da ditadura né. Não sei se (trecho incompreensível) alguém do governo envolvido no meio né, lá na... Parte dela lá, perto da Barra Velha ali, no Prado, por ali, parece que tem aqui de Maxacalis também né.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Das fazendas, sabe? eu sei que as fazendas têm... Fazenda... Maxacalis eu tenho absoluta certeza, agora lá dentro do Montinho, ou que seja, o Prado por ali, eu não tenho certeza para te informar se eles apropriaram de fazenda e chegou a vender alguma lá, sabe? É aquelas fazendas que agora a pouco eles estavam requerendo, pedindo o estorno dela né, para (trecho incompreensível). E, no mais, vive aí bem, vive com a comunidade. E teve alguns atritos, mas assim, os atritos que eles tem normalmente é entre eles mesmo né. Com a população, acho que uma... Nem é a população, com algumas pessoas, foi uma vez ou duas. E tem uma turma mais jovem que, às vezes, hoje faz as coisas, mas é por falta de entendimento. Entende? Moto sem documento, sem carteira. Ali na rua às vezes dá uma blitz e não param, não tem assim... Não traz transtorno nenhum para a comunidade, são.. Toda a vida foram amigos, foram e são amigos da gente. Todos os índios, sabe? Não é só os que estão aqui não, os que vieram, saíram, também o pessoal que foi chefe do posto. Toda a vida me dei muito bem com

eles, que eu mexia com oficina, sabe? Então a gente ficou conhecendo assim, às vezes um socorro no carro... Então fomos criando um laço de amizade, é igual o Eustáquio, o Leão né. O Senhor Leão, ele já deve estar falecido. Tem um outro que eu não me lembro. Ele, inclusive, ele está lá no... Paulo, Paulo Ferreira... Tem índio também, inclusive tem uma coisa que vocês às vezes veem reportagem e não sabe, hoje eu posso falar que ele já faleceu: Senhor Antônio Pancararu, você sabe quem que ele era? Não? Era o Ventania da tribo do Lampião, tá? Ele sempre vinha, ele me contou isso, falou: “Lélio, enquanto eu for vivo você vai fazer um favor”, não... É pai do Manenão, não sei se o Manenão sabe disso, o Manenão mora lá no Krenak. Ele era o Ventania, o que fazia o reconhecimento da tribo do Lampião, tá? Ele morreu com 96 anos ou mais né, ele era lá de Pernambuco, Pernambucano né, dentro da Pankararu, tribo Pankararu né. E até hoje parece que tem um chefe de posto, o funcionário da FUNAI em Valadares que é também da mesma etnia dele, do Senhor Manoel, mas às vezes não sabe por esse motivo. Porque ele morou aqui muito tempo e é um amigo confidencial, se ele te toma uma amizade, uma confiança, você não vai trair ela nunca né? Falou: “Enquanto eu for vivo você me faz esse favor. Depois que eu falecer, não tem problema” sabe? Ele era o que fazia o reconhecimento, inclusive, me contou cada caso, umas coisas bem assim... Criativo, sabe? Eu ainda ficava observando que, às vezes, têm pessoas que menosprezam a inteligência deles e a capacidade, e pouco el sabendo da capacidade, sabe/ Teve uma vez que o... Eles falam macaco, os policiais né... Correndo atrás dele, única saída deles, que eles estavam quase aproximando dele, bem próximo, a única saída deles foi, os cavalos não aguentaram correr, deixar um dos do bando sair tocando a tropa e trocando de animal, montando e correndo, entraram dentro de uma lagoa e cortaram... É um tipo de, não é bambu, é um tipo de um junco, uma coisa assim, mas era oco, e eles, todo mundo ia da lagoa né. Na lagoa e pararam no fundo e com o canudinho respirando, diz que os policiais chegaram, tomavam água em cima dele né. Próximo. Ficou, mas ficou pouco tempo que a intenção era pegar né, e eles ficaram ali até aquele momento e tinha uns lugares demarcados para encontro, sabe?

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** E viajava a noite toda a pé, é tanto que era um homem de uma resistência física, ele era mais ou menos da minha altura, sabe? Mais forte um pouco, hoje não, a gente já está acabado né, a idade vai acabando. E é uma das coisas interessantes, o resto é... Bom, não sei se você viu, dentro deles, da comunidade hoje não é desacerto, mas dividiram. Em vez de ter o... Porque na minha maneira de pensar e a minha

concepção, tinha que ter união e estar todo mundo junto até para, às vezes, conseguir um objetivo melhor né? E aí dividiram ali em 4 partes, hoje tem Imbiruçu, Retirinho, Sede e a (trecho incompreensível), uma formação que é pouco comum, viu. Tanto faz se eu conversar com o Senhor Manoel, é um dos líderes né. Ele é o líder, porque é o mais velho que tem lá. Dona Nete, porque não são aculturados por faculdade, mas tem um português supercorreto. Eles são semianalfabeto, mas a gente entende mais ou menos um pouco da... Como é que chama? Uma pronúncia muito boa, um argumento muito bom, e um... Você vai dialogar com eles é invejável. Já viajei com eles para Bahia, levamos para passear né, porque a prefeitura daqui da... Eles tem um projeto, eu não lembro o nome, e na época eu era uma das pessoas de fora da prefeitura que podia dirigir, porque eu prestava serviço para a prefeitura, sabe? Então o quê? Errado, na verdade, mas qualquer coisa eu estava testando o carro e a gente fazendo as coisas com consciência né. Depois, como funcionário fui chefe de transporte, de manutenção, fui lá ver eles, fui lá 2 ou 3 vezes né. E outra coisa, o tratamento dele com o branco: se o branco, parte do branco... Não sei se, é com todos pelo que eu vi, você devia ter vergonha né, porque muitos menosprezam, sabe disso né?

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** E eles tem um tratamento com você que é uma coisa especial. Eu estava tentando lembrar do princípio com o Senhor Idalício, eu acho que é pai da Gloria. A Gloria me parece que está aí no Guarani até hoje, porque ela esteve aqui uns tempos, depois Senhor Idalício parece que adoeceu, voltou lá para a Bahia. E ela é casada, reside aí. O princípio, queria lembrar o nome do que eu levei em Valadares para fazer um tratamento, mas tirando isso, está aí a fazenda, sabe. Ah, tem uma coisa, eu vou deixar isso né.

**INTERLOCUTOR:** Está certo, uma última...

**JOAQUIM:** O que mais que você...

**INTERLOCUTOR:** Uma coisa que eu gostaria de saber do senhor também, é sobre o José Itatuiuti, parece que ele era funcionário da FUNAI.

**JOAQUIM:** Ah tá, não, o José, José Itatuiuti ele era delegado, ele era delegado da ajudância. Então ele comandava a Bahia, Minas Gerais e um outro estado né, era índio e não era um sujeito ruim não, era um sujeito muito bom. Inclusive, eu lembro muito bem que eu fui lá um dia na casa dele, o que tinha era dos índios né, era dos índios. Só que os recursos, que ele gastava o salário dele com isso né, então, se alguém da família

fez... Agiu de outra forma, eu não sei. Mas o Itatuiuti, com muita certeza, ele pode ter alguma... Porque tem às vezes desvio de função de verba.

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** Mas em prol dos índios, eu não sei se teve, não posso provar. Porque eu lembro o seguinte, eu ainda achei estranho que todo mundo que chagava lá era como se tivesse em casa, né. O que tinha, precisava e ele tirava até o último centavo do bolso para ajudá-los né.

**INTERLOCUTOR:** Senhor Lélío, o senhor comentou mais cedo de alguns funcionários, alguns policiais que estiveram aqui, o Eustáquio, por exemplo. O senhor sabe quem que está vivo, quem que não está?

**JOAQUIM:** Do Eustáquio... Não. O Eustáquio, me parece, ele também era policial. O Vicente faleceu parece, ele faleceu logo que saiu daqui.

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** O Eustáquio, ele, a última vez que eu estive com ele, parece que já tinha aposentado e morava numa aldeia, não me lembro se é no Rio ou São Paulo né.

**INTERLOCUTOR:** Certo.

**JOAQUIM:** Mas me parece que é próximo ao Rio.

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** Né? Ó, tem o Paulo, mas o Paulo já é novo, trabalha lá em Valadares. Tem o Paulo também, me parece, que esse outro que mora lá no Tocantins, mas já foi depois de que tudo passou. O Senhor Leão já faleceu.

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** Quer ver? Tem Francisco Pereira Batista, mas o Francisco já pegou bem depois, porque o Francisco foi chefe de posto, aí e é o único no civil que, inclusive, chegou a sair da FUNAI, minto, eles mandaram ele embora, dispensaram.

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** Depois uma determinada época estava precisando de uma pessoa para ir para Maxacalis.

**INTERLOCUTOR:** Hum.

**JOAQUIM:** E era pessoa que dava certo com os índios, porque...

**INTERLOCUTOR:** Dava certo?

**JOAQUIM:** (Trecho incompreensível) humano, você chegou a conhecer, não conhece?

**INTERLOCUTOR:** Não, infelizmente não.

**JOAQUIM:** Ninguém daqui não conhece, não? Não. Ele era um sujeito de estatura baixa, ele (trecho incompreensível) sabe? Aí Paulo, não sei se foi Paulo Ferreira, me pediu, ligaram para mim, me pediu: “Ô Lélío, tenta localizar o Chico para mim”.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Porque estava uma confusão danada lá no Maxacalis.

**INTERLOCUTOR:** Mas isso quando assim, em que época, você lembra?

**JOAQUIM:** Isso tem mais de 20 anos.

**INTERLOCUTOR:** É?

**JOAQUIM:** Tem, foi na década de 90, mais ou menos. Eu sei que eu tinha saído da FUNAI, aí mandaram ele embora e aí me pediram para localizar ele.

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** Porque ele entendia bem com os índios.

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** E foi chefe de posto lá muito tempo e toda vida foi muito boa, assim, uma pessoa correta. Chama Francisco Pereira Batista, alguém me falou que ele teve um acidente de carro em Valadares, ficou paraplégico.

**INTERLOCUTOR:** É mesmo?

**JOAQUIM:** É. Outros, que teve um princípio de derrame. Em Valadares, ele inclusive é genro de um Coronel da polícia, tá? De Valadares, mas tem anos que eu não vejo. Ele, inclusive, eu tenho um negócio para acertar com ele. É negócio pessoal, sabe?

**INTERLOCUTOR:** Sim, sim.

**JOAQUIM:** Mas não vi o Chico mais né, porque a gente chama ele de Chico, Francisco Pereira Batista né. Já é um que tinha assim, mas já chegou bem depois, foi na década de oitenta e... De 86 para cá.

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** Né, não sei se foi 86, oitenta e... Não é 88, foi mais ou menos 86 né.

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** Aí eles retornaram com ele para a FUNAI né.

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** Porque ele conseguia manter os índios de dentro da aldeia, porque na época, não sei se vocês já viram uma matéria, tinha dia que os índios estavam lá, tinha hora que eles estavam lá para o Pernambuco, indo para o Ceará, o Prefeito da cidade tinha que reunir, pedir, alugar um carro, mandar devolver na aldeia sabe? Porque eles são... A turma dos Maxacalis é mais nômade né.

**INTERLOCUTOR:** Nômade.

**JOAQUIM:** É.

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** Então, aqui pelo menos, vieram para cá uma vez, entrava para a casa adentro, muita gente chegava na casa e entrava, porque além de tudo a cultura deles é essa mesmo né. Eu vi... Aliás, já vi, inclusive, eu tive no Amazonas, tive no Pará, tive no... Assim, pouco tempo, mas toda vida fui assim, meio ligado a essas...

**INTERLOCUTOR:** Ah é? Qual que é a história pessoal, assim, do senhor com os indígenas? Porque o senhor tem tanto contato com eles? Porque o senhor tem tanto contato assim?

**JOAQUIM:** Não é, não sei se é uma coisa assim que a gente tem. Minha bisavó.

**INTERLOCUTOR:** Ah é?

**JOAQUIM:** Era índia né, então é um dom que já vem de berço né. Minha bisavó.

**INTERLOCUTOR:** Sim, uhum. Mas o senhor chegou a trabalhar a trabalhar assim, fora esse transporte?

**JOAQUIM:** Não, fui convidado e não quis não.

**INTERLOCUTOR:** É mesmo?

**JOAQUIM:** Fui convidado duas vezes.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Para trabalhar. Inclusive o Baiara que mora lá no maxacali. Outra coisa que vocês estão fazendo, deve estar fazendo, fazendo no levantamento... Eu vou fazer uma pergunta que vocês vão ver se conseguem resposta.

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** Porque a Acesita, apesar de que ela é uma empresa que veio produzir ferro especial, mas não é uma coisa que, como é que chama? Usou aquelas terras ali do (trecho incompreensível) ali da região de... É daquele município para lá de Sabinópolis, de Virginópolis, Açucena. Município de Açucena, pôde produzir, são terras devolutas. Pode fazer um levantamento, se alguém tentou fazer documento, é de uns 20, 30 anos para cá. Inclusive é onde (trecho incompreensível) até hoje, Acesita. Porque me parece que tem um acordo de 20, 25 anos do empréstimo da terra para o pessoal dividir... Desenvolver um tipo de cultura no terreno que... Ou madeira para manter a empresa né, que lá toda vida foi plantio de eucalipto, reflorestamento de eucalipto. E aonde eles estão de posse hoje de uma parte, e até hoje não conseguiu legalizar as terras para eles, porque... Eu sou muito franco, claro e transparente, eu vejo, hoje, a vida toda os índio

sendo questionado, às vezes maltratado. Porque pela história do Brasil, inclusive eu pus uma matéria dessa no Facebook, eles apagam ela e não deixam ela passar.

**INTERLOCUTOR:** É mesmo?

**JOAQUIM:** É, mais de uma vez. Você pode depois olhar no meu Face, não acha ela. A matéria, não aparece. Eles questionam, maltratam e enxotam eles, sendo que dentro da própria história do Brasil os primeiros habitantes do Brasil eram índios. Então os primeiros habitantes são os primeiros proprietários, era lá não é? E eu já fiz uma matéria desse tipo, porque eu sou muito transparente e para mim os índios, se for possível falar no Presidente da República, Policial, seja quem for, é a mesma coisa, sabe? Não tem, eu fico às vezes chateado de ver alguma injustiça quanto a isso.

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** Porque eles são sílvícolas né, então tem um tipo de vida deles, não vão mudar nunca, você não vai conseguir, a juventude até pode, já está tendo né, uma maneira de integração na sociedade. Mas aquele que é vivo dentro da tribo, você não vai conseguir mudar ele nunca. Então eles são explorados por madeireiro, são explorados por mineradora, são explorados por. Para apropriar a terra deles, então é, né.

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** Eu vejo é isso, aqui até não, aí é comunidade. Eu falo o seguinte, o que pode ajudar, dentro da medida do possível, que é um município pobre, não estou defendendo Prefeito, longe de mim, sou amigo dele, mas se fizer errado, vai passar né. Nunca,... Ajudam na medida do possível, município pequeno, pobre né. Agora, uma coisa que a gente fica assim, chateado, triste, é por existir divisão deles mesmo, porque se fossem todos unidos, por exemplo, um cacique só... É a minha opinião né, da maneira deles, eles devem estar certos em agir dessa forma. Eles teriam mais condições de questionar alguma coisa, porque do jeito que faz, pequenos grupos, então, às vezes, fica mais difícil né, recursos né. É tanto que dentro da medida do possível a prefeitura atende né, atende não, dá todo apoio, festa... É o que eu que estou te falando. Tem, o não me lembro... Não é um convênio não. Fim de ano ele sai para fazer um intercâmbio cultural... Agora eu lembrei, intercâmbio cultural, então a prefeitura dá os carros, um combustível, paga o motorista e nada deles. Se alguém falar, está mentindo, tá? Já teve épocas de, às vezes... Isto é, uma viagem para cada comunidade por ano né, então vai para cada um, mas vai dois de... Costuma ir 4 anos, só não vão juntos. Dá os ônibus para fazer esse intercâmbio cultural com... Hoje, me parece que já tem um recurso para isso e para as obras também, mas eles

procuram sempre dar o apoio, dentro da medida do possível, que é um município pequeno e tem dois mil e tantos habitantes. E a única renda que, aliás, o município vive em torno praticamente do fundo de participação né. Que a produção agrícola, pecuária, de cultura, agricultura é muito pouca, é o mínimo possível né. Estão tentando fazer, melhorar, mas vem já a anos, mas infelizmente a cultura do regional é difícil, porque tem um sujeito aqui que evolui e, no nosso município, tem parte quer esperar de Deus. Entende?

**INTERLOCUTOR:** Entendi. Senhor Lélío, posso só voltar um pouquinho em uma questão que o senhor falou? Quando o senhor chegou, como é que era essa relação assim, entre essas primeiras famílias que o senhor falou que chegou? O Senhor Manoel e...

**JOAQUIM:** Não, toda vida foi aculturado, relação boa né.

**INTERLOCUTOR:** Mas e com a polícia ali dentro, o senhor tem notícias?

**JOAQUIM:** Lá dentro do Guarani?

**INTERLOCUTOR:** Isso, lá dentro. Como é que eram as coisas?

**JOAQUIM:** Existe uma coisa, que eu não posso provar e não vi e também já procurei, como é que chama? Existem umas coisas meio enganadoras, que eu sei aonde você quer chegar. Que a polícia treinava os índios no movimento antiguerilha né.

**INTERLOCUTOR:** Essa é uma das coisas, aham.

**JOAQUIM:** E eu não lembro não, inclusive, tive amizade, tive bom relacionamento com a própria polícia e com o povo que morava ali dentro. Eles não, aqui não infiltraram índio não né.

**INTERLOCUTOR:** Aham,

**JOAQUIM:** Eu não estou te falando que os primeiros, que vieram, tomavam conta lá do presídio.

**INTERLOCUTOR:** Os primeiros indígenas, o senhor fala?

**JOAQUIM:** Hein?

**INTERLOCUTOR:** O senhor, os primeiros quem? Os indígenas ou os policiais?

**JOAQUIM:** Os índios. Prendiam ou ficavam, às vezes, o índio que chegava tonto.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Porque a intenção era penitenciária, mas tinha uma cadeiazinha lá que era para... Da subsistência, que era para prender aqueles policiais que saiam e chegavam tontos, nego meio irresponsável ou então em atrito com alguém, tinha, mas tinha uma cela só. Acho que tem ela debaixo daquele casarão ainda, não tem?

**INTERLOCUTOR:** Tem.

**JOAQUIM:** Tem.

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** É aquilo ali, a mesma coisa né. Agora, quanto isca que existe já, eu já ouvi essa matéria de mais pessoas, que na época os militares no treinamento antiguerrilha, eles, por exemplo, levavam os índios para participar e que eu tenho conhecimento, inclusive, de pessoas daqui. Eu lembro disso, só militar... Só civil.

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** Né, não é isso que você queria?

**INTERLOCUTOR:** E quem que eram esses índios que prendiam os outros índios, o senhor lembra?

**JOAQUIM:** Não aqui, eu não estou te falando que ele era deficiente, chamava Yanã.

**INTERLOCUTOR:** Entendo, aham.

**JOAQUIM:** Ele não prendia. às vezes o chefe de posto, não sei... Está alterado, bebia e estava, podia trazer uma... Deixava ele lá detido.

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** E quem tomava conta era o Yanã.

**INTERLOCUTOR:** O Yanã.

**JOAQUIM:** É, aqui, Yanã Ociapi.

**INTERLOCUTOR:** Yanã Iciapi?

**JOAQUIM:** Ociapi.

**INTERLOCUTOR:** Ociapi.

**JOAQUIM:** É, um era lá de Valadares, da ajudância mesmo. Era ajudância

**INTERLOCUTOR:** Aham, ajudância Minas/Bahia não é?

**JOAQUIM:** É.

**INTERLOCUTOR:** Que falava?

**JOAQUIM:** É. Mas o da sede, que a sede era Valadares né, aonde era o Tatuí, na época que era o delegado né. Acho que é delegado mesmo, delegado da ajudância então. Mas assim, ali, eu sei que um deles, o dia que eu fui dormir lá na chácara, eu cheguei cansado, chovendo, muito barro, levando sei doente, ele chegou tonto de Valadares.

**INTERLOCUTOR:** Aham

**JOAQUIM:** Já deficiente. Não era muito, assim, o grau não posso te falar, mas depois observei que ele tinha uma deficiência grande sabe, mental.

**INTERLOCUTOR:** É?

**JOAQUIM:** É. E ele chegou e queria nos chutar, nós estávamos em um colchão no chão, o cara falou... Chegamos lá tarde, eu acho 01h00min ou 02h00min, todo sujo de barro, aí ele chegou de Valadares achando que era um invasor lá, sabe.

**INTERLOCUTOR:** E aí?

**JOAQUIM:** É, eu sei que o chefe de posto estava lá, o funcionário custou a controlar ele, que era amigo, que tinha ido levar doente e coisa. Quando ele descobriu a realidade, aí ele já nos fez levantar, foi lá para a cozinha fazer comida para a gente sabe, para agradar.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Né? Mas na hora ele ficou assim... Então pode ter tido sim uma tendência, agora eu não sei o grau de instrução que foi dado para ele sabe.

**INTERLOCUTOR:** Aham. E o senhor sabe quem que treinou esse indígena?

**JOAQUIM:** Não.

**INTERLOCUTOR:** Ele veio lá de Valadares?

**JOAQUIM:** Não, na época não, esses já vieram da Bahia, todos eles, tá?

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** E o que mais que eu posso te passar? Aqui no Guarani, que é do meu conhecimento, não.

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** Porque eu não tenho nada a esconder para te falar.

**INTERLOCUTOR:** Não, claro.

**JOAQUIM:** É, não tenho nada a esconder. Que era uma escola antiguerilha aí, era né, mas era só civil né, por todas informações que eu tenho.

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** Se tinha grupo de índio junto com eles, eu não posso te dizer. Aí quem que, aí vai, das pessoas mais velhas. Não, inclusive, sou amigo de todo mundo. Tem um ex-Prefeito, hoje ele está até meio acamado, é mais velho que eu um pouco, uns 6 anos só, que é nascido e criado aqui, mas sou amigo dele a vida inteira e nunca... Às vezes comentava sobre tudo, ele nunca comentou sobre isso né.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Sobre trazer o índio aí, igual eu já vi matéria colocando, eu falei: “Olha, que é do meu conhecimento, é errado”, entendeu?

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** É uma coisa... Para mim é enganação, sabe? Não é verdade, é inverdade.

**INTERLOCUTOR:** Sim, sim.

**JOAQUIM:** Devia ter... Agora, se houve antes de eu chegar, de mil e novecentos... De 28 de dezembro de 72, aí já. Mas não, na época eu era moleque, morava em São João e tinha um policial da subsistência, que era parente do meu pai, nós viemos parar aí, veio, é amigo dos meninos dele e parente da gente. Ele tomava conta do hotel, eu sei que nós ficamos aí uma semana, eu e um irmão dele. Meu, sabe? Esse já até faleceu, morava em Vitória, ele faleceu. Aonde eu descobri e conheci, vi. Eu tenho umas coisas aqui do Guarani né, que foi do Português.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Se vocês depois quiserem, sabe? Que eu não dou certo com a patroa, sabe? Mas vocês podem entrar lá dentro, tem lá, tem uma mesa, tem uma escrivadinha, tem um jogo de quarto, que isso foi colocado em leilão, entende? Eu arrematei, porque eu era criança e vi isso em uma fazenda que era museu. Meio museu, é.

**INTERLOCUTOR:** Então esses moveis do senhor vieram da fazenda?

**JOAQUIM:** Veio da Fazenda Guarani, foi arrematado lá dentro, leilão.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Eu, inclusive, tenho documento, quase que eu jogo o documento dele fora.

**INTERLOCUTOR:** Pode não né?

**JOAQUIM:** Não, uma vez, sabe? Aí eu sei que chegou, eu sei que chegou, eu sei... Parece que quatro policiais que eles eram, conversaram comigo muito tempo ali fora: “O senhor arrematou uns moveis da Fazenda Guarani?”, “Arrematei”, “O senhor por um acaso tem documento dele?”, “Tenho, acredito que tenho”, “Tinha como tirar um xerox dele?”, “Tem”, “O senhor me empresta?”, eu falei: “Não, emprestar não. Vou lá tirar para vocês”, né.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Fui lá, eu tenho o documento. UJm simples, simples, simples. Deixa eu ver se eu me lembro o nome da pessoa que fez o leilão... Eu tenho a memória bem boa, viu? Mas está muito falha, já está falhando um pouco sabe?

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** E a data, foi pouco tempo, foi. É igual eu estou te falando, o chalé, sabe o quê, quando os índios chegaram, fizeram? Destruíram ele todo fazendo arco e flecha.

**INTERLOCUTOR:** Quais índios esses? Os pataxós já.

**JOAQUIM:** Esses mesmos, os pataxós né.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**INTERLOCUTOR:** E o senhor lembra de outros grupos que estiveram aqui?

**JOAQUIM:** Não, os grupos que vieram, veio o Maxacalis. Depois.

**INTERLOCUTOR:** Depois de o senhor aqui já?

**JOAQUIM:** Não, depois da comunidade. Isso tem poucos anos, tem, porque eles estão aqui já faz quase 44 anos né.

**INTERLOCUTOR:** Isso.

**JOAQUIM:** 44, 45 anos.

**INTERLOCUTOR:** E os índios Krenak, o senhor lembra aqui?

**JOAQUIM:** O Krenak?

**INTERLOCUTOR:** É.

**JOAQUIM:** Não, está, é porque vem misturado. Você entendeu?

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Porque tem parte dos Krenak que é daqui né. Ó, tem Manoel, tem o... Tem apelido de Zoim, que eu não lembro o nome dele. Um com o nome de Francisco... Manoel, Francisco, ele está no Krenak até hoje.

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** Ednaldo, que é filho do Senhor Manoel né. Então, é mistura, entendeu?

**INTERLOCUTOR:** Mas aí os Pataxós teriam flechado o chalé, é isso?

**JOAQUIM:** Hein?

**INTERLOCUTOR:** Os Pataxós é que flecharam?

**JOAQUIM:** Não, foi. Logo no princípio, porque não tinha um conhecimento. É que para eles não tinha valor nenhum né?

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** Aí precisava de fazer artesanato, porque não tinha renda, não tinha como sobreviver, não tinha uma cesta básica, está entendendo? Eu lembro que vinha, mas não era constante não. Veio uns períodos, falhou, e teve época que eles estiveram em dificuldade, até de alimento né, e infelizmente você sabe, Brasil é Brasil né.

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** É.

**INTERLOCUTOR:** Senhor Lélcio, acho que o senhor pode me ajudar a entender melhor uma questão. Os funcionários da FUNAI e da polícia estiveram ao mesmo tempo na Fazenda Guarani ou um momento foi da FUNAI e um momento foi da PM?

**JOAQUIM:** Não, não. Da FUNAI, tinha policial que foi emprestado ou era protegido do Capitão Pinheiro.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Não posso te informar em qual situação.

**INTERLOCUTOR:** Sim, sim.

**JOAQUIM:** Ele que era... Acho que os dois, Eustáquio e o Vicente.

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** E parece que, deixa eu lembrar se teve um outro. Teve um antes, junto com o Vicente, ou é Senhor... O Vicente foi na época, eu falei o nome dele que é do Rio de Janeiro, já está fugindo. Eustáquio, Vicente, não é Galvã. Era junto. Eu acredito que era do Exército Brasileiro do Rio e o outro eu não sei se é do exército da Polícia Militar o Vicente, é.

**INTERLOCUTOR:** Eustáquio e Vicente eram funcionários do Capitão Pinheiro então?

**JOAQUIM:** Não.

**INTERLOCUTOR:** Não?

**JOAQUIM:** Eustáquio já veio como, vieram como,. O Vicente sim.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Era funcionário subordinado a ele né.

**INTERLOCUTOR:** Sim, sim.

**JOAQUIM:** É, e o...

**INTERLOCUTOR:** Eustáquio.

**JOAQUIM:** Não. Eustáquio, Vicente.... Leão.

**INTERLOCUTOR:** Leão?

**JOAQUIM:** Senhor Leão, Senhor Leão, que parece que foi os dois que chegaram primeiro. Vicente, Leão, eu não lembro assim se teve outro antes dele, junto com os que vieram, sabe? Para fazer o acompanhamento, mas eu acho que foi os dois primeiros, até o Vicente ficou aí mais tempo.

**INTERLOCUTOR:** Aham. E como que eles faziam com esse acompanhamento assim, dos índios?

**JOAQUIM:** Não, morava inclusive dentro da comunidade lá junto.

**INTERLOCUTOR:** É? Ficava todo mundo ali?

**JOAQUIM:** Não, eles conviviam muito bem. Não tinha nada não, assim, em termo de restringir eles em algumas coisas não. Não lembro de ter visto nunca, sabe? Era mesmo acompanhamento, para aconselhar, conversar, dar assistência, porque tinha enfermeiro né.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Acompanhar o trabalho que era feito né, e distribuição de medicamento, acompanhamento médico, essas coisas né. Porque, no princípio, eu acho que era aqui que atendia eles, não lembro de no princípio de ter vindo médico assim junto com eles não, sabe?

**INTERLOCUTOR:** Ah tá.

**JOAQUIM:** Médico já foi de uns tempos para cá, é.

**INTERLOCUTOR:** E os índios podiam vir a cidade sem problema?

**JOAQUIM:** Não, com certeza, com certeza. Não estou te falando, que toda vida eu ia lá, eles vinham aqui, toda vida.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Tivemos um, já vieram, quando vieram bem aculturado né?

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** Não tinha... Inclusive tinham uns que eram mais complicados, às vezes não deixava vir muito, sabe? Quando vinha, vinha com o próprio índio, o cacique acompanhando né.

**INTERLOCUTOR:** O cacique trazia aqui para (trecho incompreensível)?

**JOAQUIM:** Não, vinha junto come eles né.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Vinha. Te falo que aqui, copa do mundo, corrida, eles entravam aqui para a casa aqui e ficava, porque tinha televisão.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** E tinha liberdade, aí vinha com a gente para assistir né, assistir corrida de fórmula 1, jogo da copa do mundo, está entendendo?

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** Vinha, entrava aí para dentro em um procedimento invejável né, é.

**INTERLOCUTOR:** Entendi. E essa vinda dos Maxakalis, o senhor falou que foi depois. O senhor lembra, mais ou menos, a época que eles vieram?

**JOAQUIM:** Foi entre 87 e 92 me parece, se eu não estou enganado.

**INTERLOCUTOR:** Aham, certo.

**JOAQUIM:** Mais ou menos isso. Depois você vai procurar informar, que você vai, mais ou menos dá isso.

**INTERLOCUTOR:** Tá.

**JOAQUIM:** Ou 96, é isso mais ou menos.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** Mas vieram e não ficaram aqui nem 90 dias, não.

**INTERLOCUTOR:** Aham. Teve algum motivo para eles virem assim?

**JOAQUIM:** Não, não posso. Aí eu não lembro se estava, lá se... Se tem igual aqui, por exemplo, de um desacerto de dentro da comunidade mesmo, de um cacique, um outro vice-cacique, que já foi cacique querer levantar um grupo contra o outro, de forma a ter grupos diferentes, sabe? É. Ou se estava andando muito e eles trouxeram para aqui para ver se eles ficavam, e chegavam aqui mesmo, ia para Itabira, Guanhães, Belo Horizonte. Ia a pé.

**INTERLOCUTOR:** E a pé né?

**JOAQUIM:** E já chegou a ter criança no meio da rua aqui.

**INTERLOCUTOR:** É?

**JOAQUIM:** É, você já ouviu falar nisso ou não?

**INTERLOCUTOR:** Aqui no meio da rua?

**JOAQUIM:** É, no meio da rua, a senhora daí... (Trecho incompreensível) da Maxakalis né.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** E como chega para poder conversar? Eles não...

**INTERLOCUTOR:** Não fala a língua né, porque...

**JOAQUIM:** Não, porque eles não tem o português correto. Muito pouco deles né, que falam português. Então ele já é uma comunidade mais... Conserva mais os hábitos deles né, é.

**INTERLOCUTOR:** Sim, sim.

**JOAQUIM:** Então eu sei que bebia muito né, bebia, fazia sexo no meio da rua. Você precisa ver que confusão que era né, não tinha assim. Eu sei que eles ficaram aqui, quando viu que não dava certo, aí voltaram com eles para trás. Foi na época, mais ou menos nessa época que o Francisco voltou, sabe? Porque eles não conseguiram ter um domínio, para manter o grupo quieto ali, sabe?

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** É. Eu não sei se é por extorquir eles né, porque também a gente não sabe cada, falta de alimento, falta de alguma coisa, porque por muito nômades que eles são, mas têm o alimento, tem tudo ali. Uma pessoa até comentou comigo que é a maneira deles de agir, é isso, vai tudo para a casa de um só. O que tem ali, come tudo Dali vai para outra, acabou? Vai para casa do outro. Então é, agora para eu te falar, você vem aí em festa, o povo vem visitar, vem um punhado de carro de fora para fazer visitaçã, são

muito bem recebidos né. Que as comunidades sempre vem fazer, não é bem turismo, é (trecho incompreensível) né, para conhecer, igual tem agora 19 de Abril, tem a festa das... Águas? Não, não é festa das águas?

**INTERLOCUTOR:** Em outubro né?

**JOAQUIM:** Hein? Não, é o dia do índio né.

**INTERLOCUTOR:** É.

**JOAQUIM:** Que é o dia do índio. Então tem essa, e tem uma festa das águas, tem de Nossa Senhora Aparecida, que eles promovem, então vem o pessoal em Romaria, não é bem Romaria, mas vem um punhado de ônibus aí fazer visita, em São João Sebastião, Belo Horizonte, Guanhães, Virgínia, vem de várias cidades né... Monlevade. Então quando, aí eu sei que faz os contatos com isso, que hoje tem uma secretaria lá ligada ao índio lá na prefeitura. Não sei o que de assuntos indígenas, sabe?

**INTERLOCUTOR:** Uhum.

**JOAQUIM:** É, mas tem um outro nome a secretaria. Até acho que é Leila Pataxó que trabalha lá, que toda vida foi índia, que trabalha nessa secretaria.

**INTERLOCUTOR:** Aqui?

**JOAQUIM:** É, ela é vinculada à Secretaria de Educação, mas tem né.

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** Aqui, tinha um índio aqui que era assessor do Deputado Estadual do Quintão. André Quintão, mas eu acho que saiu né. Mesak é muito bem aculturado, está fazendo Direito né, e o (Trecho incompreensível), o Alexandre.

**INTERLOCUTOR:** O Alexandre.

**JOAQUIM:** Alexandre que é, inclusive o Mesak é o cacique, parece, e o Alexandre é o vice-cacique, e ele que estava respondendo como cacique lá da parte dele. Ainda eu brinquei com ele um dia, porque, com honestidade, eu tenho um neto que é índio. Meu filho... É filho de um filho meu com uma índia.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** E ele é problemático né, desviou o caminho, inclusive eu fico na torcida (trecho incompreensível), você precisa de ver, é Junior. E ainda eu pedi o Alexandre, o Alexandre não, o Mesak, eu falei "Ô Mesak, você que é o representante das causas indígenas", não sei se é dentro do Estado de Minas Gerais ou do Brasil, mas acho que é do estado de Minas né... "Você tem tanta facilidade de conseguir um órgão para poder, para tentar recuperar esse menino". É menino, o rapaz está com 17, quase 18 anos né.

Mas eu converso com ele e explico ele a situação, mas tem uns vagabundos que tiraram ele, sabe? Perdemos ele para o tráfico, tráfico de drogas.

**INTERLOCUTOR:** E muito jovem né?

**JOAQUIM:** Hein?

**INTERLOCUTOR:** Muito jovem.

**JOAQUIM:** Jovem, é tanto que ele... O nome dele completo é Junior... Tem o nome do Senhor Manoel e o nosso. Eu sei que ele termina com Mourão né.

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** Ou Mourão, que é o nome dos avós paternos né.

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** Sobrenome da gente. Mais alguma coisa?

**INTERLOCUTOR:** Não, eu acho que é só isso mesmo.

**INTERLOCUTOR:** Tem mais alguma coisa que o senhor acha que é importante nos dizer, que o senhor gostaria de dizer?

**JOAQUIM:** Não, o que eu te falei é isso. Que a gente passa a não entender, porque na posição que ele estava, ele podia ter feito muitas coisas também para a aldeia né. Conseguir mais recurso dentro da área federal como na estadual e também eu não sei se ele tinha meios para isso, porque isso hoje é muito relativo né.

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** Às vezes, a gente supõe que você é assessora, mas você não tem poder né?

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** É, não tem poder.

**INTERLOCUTOR:** Senhor Lélcio, e o senhor né... Como a gente falou no começo, o objetivo da comissão é documentar um pouco da história indígena, da história que envolve violação de direitos indígenas durante a ditadura.

**JOAQUIM:** Certo.

**INTERLOCUTOR:** O senhor nos autoriza, se a gente precisar, usar partes dessa conversa nesse trabalho nosso?

**JOAQUIM:** Com todo prazer.

**INTERLOCUTOR:** É? A gente que agradece muito também viu?

**JOAQUIM:** Pode. Pode fazer sim, não tem nada a ver não.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** É o que eu te falei, eu estou falando a verdade, doa a quem doer.

**INTERLOCUTOR:** Sim, com certeza.

**JOAQUIM:** Entendeu? Doa a quem doer.

**INTERLOCUTOR:** Aham.

**JOAQUIM:** E a realidade das coisas você não vai deixar, não vai enganar ninguém.

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** Porque se tem uma coisa que eu não gosto... Então tem muita gente que não gosta de mim por isso, sabe? Porque eu não sou a verdade, mas gosto muito da verdade.

**INTERLOCUTOR:** Sim.

**JOAQUIM:** Entendeu?

**INTERLOCUTOR:** E a gente agradece muito pelo senhor ter nos recebido né, a gente veio assim meio de surpresa, sem avisar.

**JOAQUIM:** Se vocês quiserem entrar ali para vocês verem, porque às vezes você escuta lá uma história muito diferente, está lá na sala. Está lá para quem quiser ver.

**INTERLOCUTOR:** Uai, será que não incomoda a sua esposa não?

**JOAQUIM:** Não, não incomoda não.

**INTERLOCUTOR:** Então está bom.